

REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO E NA EDUCAÇÃO: RELAÇÕES DE GÊNERO EM CONTEXTO

Leila Procópio do Nascimento¹ - leilapron@gmail.com
Valeska Nahas Guimarães² - valeska_kenaz@yahoo.com.br

O presente artigo é parte integrante da dissertação de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na UFSC. O estudo teve como objetivo analisar as implicações na diversificação das atividades econômicas sobre o trabalho e as relações de gênero na Vila de Palmas, município de Governador Celso Ramos – SC.

A pesquisa foi conduzida de acordo com uma orientação crítica e concentrou esforços em investigar se houve mudanças nas relações de trabalho e de gênero, face ao processo de escolarização e de inserção do trabalho feminino nesse grupo social – das mulheres de pescadores.

Palavras-chave: Reestruturação econômica. Educação. Relações de gênero.

Introdução

As mudanças no capitalismo nas últimas décadas têm provocado impactos radicais no mundo do trabalho, com conseqüências diretas na vida cotidiana dos trabalhadores. Nesse contexto, insere-se a mulher como protagonista, na busca por formação profissional e por superação das condições colocadas a ela no mercado de trabalho. Para Amorim (2005, p. 14), isto decorre “da crise que sofre a sociedade do trabalho. Constata-se que as mulheres

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora (substituta) MEN-CED/UFSC. Pesquisadora/ voluntária no NINEIT – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Inovação e do Trabalho – UFSC.

² Orientadora/Professora Dr -Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Ciências da Educação/CED/UFSC . Coordenadora do NINEIT – Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Inovação e do Trabalho – UFSC.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

estão cada vez mais se incorporando ao mercado de trabalho também em função da imposição do sistema capitalista”.

Durante séculos, a mulher trabalhou limitada ao espaço do lar. Trabalhos estes considerados improdutivos frente ao modo capitalista de produção, explica Amorim (2005, p. 14). No entanto, a tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem ser vistas isoladamente (SAFFIOTI, 1979, p. 33). Nesta perspectiva, há diversos estudos que focalizam a reestruturação econômica, bem como questões relacionadas ao mundo do trabalho e às relações de gênero associadas ao fenômeno global de integração das economias. Autores como: Antunes (1995, 2005); Ianni (1994); Alves (2006); Scott (2002); Bruschini (1995); Saffioti (1979,1981); Hirata (1993), Holzmann (2000), Kovács (2005); Nogueira (2004); Ramos (2006), Silva (2003), entre outros, propõem-se a analisar as mudanças e as implicações engendradas no movimento dos processos sociais, cada qual nas suas especificidades³.

Bruschini (1985) assinala que, em qualquer análise sobre o trabalho da mulher, um aspecto crucial é “o da sua posição na divisão sexual do trabalho [...] definida a partir de suas funções biológicas, o que a condiciona [...] à execução de uma série de afazeres indispensáveis para a casa e a família [...]”. A compreensão desse fato passa pela constatação de que a utilização da mão-de-obra feminina não é explicada por imperativos técnicos, explica Abreu (1994, p. 55). A autora também alerta que, “para poder entender as relações entre as técnicas e a divisão sexual do trabalho é necessário fazer uma passagem obrigatória pela questão da qualificação”.

Historicamente, a educação sempre tendeu a evocar os valores conservadores, nutrindo uma tradição secular dos papéis masculino e feminino frente à ocupação de postos de trabalho. O que a história nos mostra até aqui é o subsidiamento do sistema educativo, numa lógica de construção dos sistemas que decorre da ponderação de várias

³ No que diz respeito aos estudos direcionados à reestruturação do sistema de produção capitalista; trabalho; sujeito histórico e gênero.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

condicionantes, interpretando e condicionando interesses políticos e ideológicos para a construção de processos educativos que valorizem esta ou aquela categoria de gênero.

O tema da educação não ocupou um lugar central na obra de Marx. “Ele não formulou explicitamente uma teoria da educação, muito menos princípios metodológicos e diretrizes para o processo ensino-aprendizagem”, explica Santos (2005). Sabemos que sua principal preocupação foi o estudo das relações sócio- econômicas e políticas, e seu desenvolvimento no processo histórico. “Deduz-se desta perspectiva que para a compreensão do processo educativo deve-se compreender aquele (processo) pelo qual os seres humanos produzem a sua existência, isto é, o processo produtivo, o mundo do trabalho e o âmbito de suas relações”⁴. A educação na sociedade capitalista é, segundo Marx e Engels, “um elemento de manutenção da hierarquia social” (1993); ou o que Gramsci (1981) denominou como “instrumento da hegemonia ideológica burguesa”. Levantando a discussão para a questão da igualdade política, observada por eles como algo que é puramente formal e não passa de uma ilusão, visto que a desigualdade social é concreta e evidente.

A situação descrita pelos autores atualmente não é diferente, uma vez que a perspectiva educacional ainda não superou as desigualdades de classe e gênero vivenciadas pela sociedade contemporânea. Mas, o que atentamos aqui, é para o processo de transformação econômica – este vem consolidando novas exigências, frente ao grau de instrução/profissionalização dos trabalhadores. E para as mulheres em especial - deflagra, na constituição do processo - fatores de desigualdades que, dependendo do grupo social, terá mais ou menos impacto sobre as relações de gênero justapostas a este fenômeno.

O atual sistema educativo, sobretudo no Brasil, vem confirmando o que se diz sobre reprodução, exclusão e dominação - e esta é uma problemática emergente na sociedade brasileira. Entretanto, nesta interlocução entre trabalho e educação, a intencionalidade da reflexão aqui levantada debruça-se sobre as influências que o sistema econômico tem na

⁴ Para essa análise é preciso recorrer à situação da divisão do trabalho, o que permite considerar o grau de desenvolvimento das forças produtivas de uma sociedade.

trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

construção e definição do sistema educativo – na relação entre esses dois sistemas – atribuindo à educação um caráter produtivo e construtivo.

Assim, o que justificou o presente estudo foi a necessidade de compreendermos as relações entre educação e trabalho, considerando que o processo de reestruturação do sistema capitalista põe novas exigências à formação feminina para um mercado de trabalho que, na sua gênese, não constitui democraticamente a igualdade salarial entre homem-mulher, em função da escolaridade. Neste sentido, essa pesquisa concentrou seus esforços em analisar as novas exigências quanto à educação do trabalhador, em especial do universo feminino. Deste modo, verificamos o processo de escolarização vivenciado por um grupo de mulheres, esposas de pescadores, residentes na localidade Palmas, município de Governador Celso Ramos, Santa Catarina.

Objetivos e metodologia

As categorias de análise: trabalho, educação e relações de gênero, definidas nos procedimentos metodológicos, subsidiaram a elaboração do questionário socioeconômico a fim de reconhecer quem são e como vivem (sobrevivem) as mulheres de pescadores, da Vila de Palmas no município de Ganchos.

Em relação às categorias supramencionadas, foram analisados indicadores que dizem respeito às responsabilidades no lar, divisão sexual do trabalho, participação em grupos e/ou associações subsidiadas pelas categorias, gênero e relações de gênero. Quanto às categorias trabalho e educação, observou-se indicadores relevantes à: tipo, natureza, condições de trabalho da mulher, área de formação e grau de escolaridade.

Dessa forma, a análise que se apresenta a seguir assenta-se nas observações registradas nas visitas de campo e nos dados quantitativos coletados com a aplicação do questionário semi-aberto, realizado pela própria pesquisadora (na fase exploratória/preliminar). Para enriquecer a interpretação de alguns indicadores

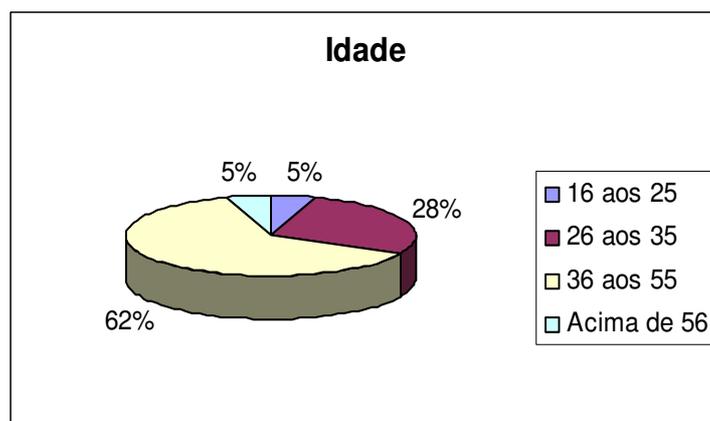
socioeconômicos, valemo-nos das falas acrescentadas pelas respondentes. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, fez-se uso da amostragem não probabilística, classificada como amostra do tipo intencional, com “sujeitos escolhidos por determinados critérios” (Richardson, 1999, p. 160).

Para esta pesquisa, nos limitamos a analisar a representatividade da população feminina da Vila de Palmas, delineando assim que participariam desta investigação as mulheres dos pescadores artesanais e industriais. Isto não se deu pretensiosamente com intenção de privilegiar este grupo em especial, mas no intuito de pesquisar um fenômeno particular que envolve o processo de escolarização e a inserção dessas mulheres no trabalho e na constituição familiar, em um grupo culturalmente açoriano⁵.

Alguns dados sobre o universo pesquisado: quem são e o que fazem as mulheres de pescadores de Palmas?

Vejamos aqui alguns dados e reflexões acerca da pesquisa:

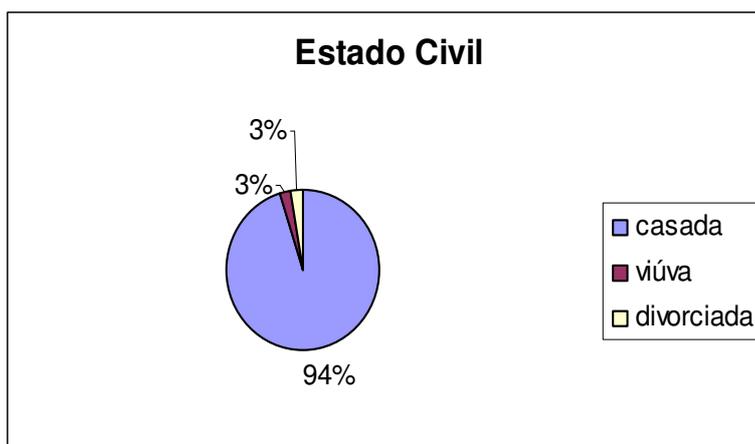
Gráfico 01:



⁵ Todos os depoimentos das entrevistas foram transcritos respeitando a regionalização. Neste caso, o dialeto açoriano/local.

Fonte: dados primários

Gráfico 02:



Fonte: dados primários

As mulheres de pescadores possuem as mais variadas idades, desde a faixa etária dos 16, a qual fora identificada através das entrevistas, até os 56 anos de idade. Fato que marcou este momento foi a observação dos dados referentes à idade, justapostos aos dados do estado civil. Uma vez que estes revelam que das 40 mulheres, 34 casaram-se antes de completar 16 anos de idade. Algumas delas, no decorrer da entrevista argumentaram o porquê desta precocidade em se casar, como relatou esta esposa⁶:

Ah! Tem gente que não acredita que me casei com 12 anos. Foi assim: o rapaz tava ganhando bastante dinheiro no barco, minha mãe e meu pai tinham mais 12 filhos além de mim. Eu só dava gasto, despesa. Fora os 'crivos'⁷ que eu já fazia. Para mim foi porque eu precisava e foi a melhor coisa que fiz. Quando ele voltou do barco nós fugimos. Um ano depois já ganhei minha primeira filha. Claro que

⁶ Esposa 34: Dona de casa, faxineira/diarista e artesã.

⁷ Crivo: tipo de artesanato que se utiliza de uma técnica manual (crivar) de desfiar o tecido para se obterem efeitos arrendados, um modo de ornamentar roupas caseiras e também alfaias religiosas. Os bordados sobre tecidos desfiados são conhecidos desde longa data em quase todos os países da Europa, na ilha da Madeira e nos Açores. O crivo chegou ao Brasil Meridional com as mulheres açorianas e permanece até hoje nas comunidades tradicionais.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

não foi tudo um mar de rosas, mas não me arrependo não, porque senão o que tinha sido de mim. Hoje tava enalhada e sem casa. Já pensou?

Outra esposa⁸, cujo casamento só veio ocorrer aos 25 anos de idade, assim relatou:

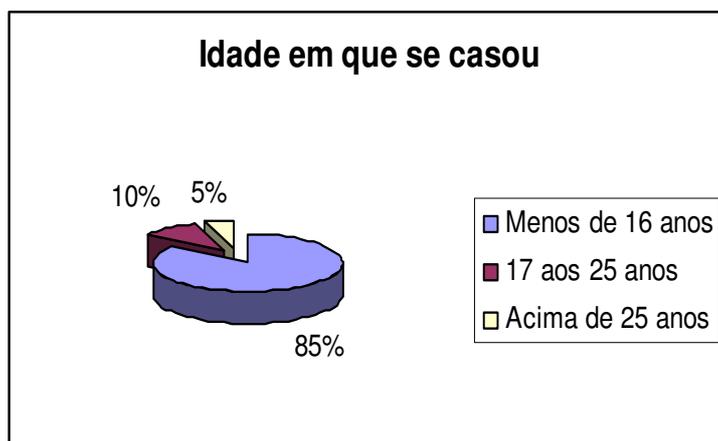
Aqui, moça solteira que ia pra cidade estudar, ia pra negociar o corpo, pra virar mulher de programa, eles pensavam isso. Inclusive uma vez falaram para minha família que minha virgindade tinha ficado, talvez em algum lugar onde os barcos atracavam em Florianópolis. Eu sofri muito, mas não desisti de estudar. Demorei pra arranjar namorado. Com certeza eu não era moça direita pra casar, na visão deles, apesar de eu ter me casado virgem! Meu marido me fez sofrer muito com isso, nem queria deixar eu trabalhar. Foi uma luta.

As mulheres associam o casamento precoce às dificuldades econômicas enfrentadas no passado pelas famílias que eram numerosas e pela rotina em que aparentemente viviam as mulheres, algumas delas ainda crianças. Outro aspecto analisado e que comparando os relatos, a mulher que buscava já no passado estudar, era recriminada. Por isso, a mesma esposa que se casou aos 25 anos destacou: *“por causa disso, pra não ter que enfrentar tanto trabalho de ser recriminada e ficar mal falada as gurias daqui se casavam bem cedo. Tenho certeza”*.

Gráfico 03:

⁸

Esposa 22: Professora/Magistério e Dona de casa. 56 anos de idade.

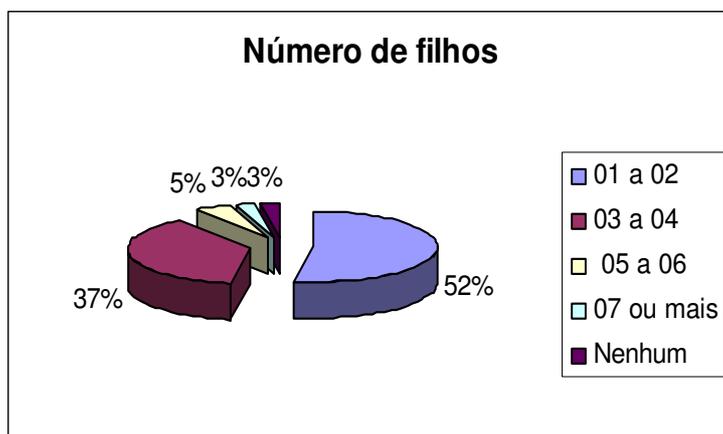


Fonte: dados primários

Tratando-se do número de filhos, as evidências nos hábitos familiares não se processaram com tanta intensidade como em outros aspectos culturais. Há algumas décadas então, houve uma grande mudança nos hábitos. As mulheres das gerações anteriores tinham muitos filhos. As famílias constituíam-se em média com 6 a 12 filhos, conforme assinala esta esposa⁹ “*hoje em dia a gente tem menos filhos, acho que porque a maioria já pode estudar e tomar anticoncepcional. Antigamente as nossas mães nem podiam tomar, os maridos não gostavam, não era bem visto, não. Minha sogra teve 12 filhos, minha mãe 11*”. Hoje este aspecto mudou, conforme se pode observar nos dados a seguir:

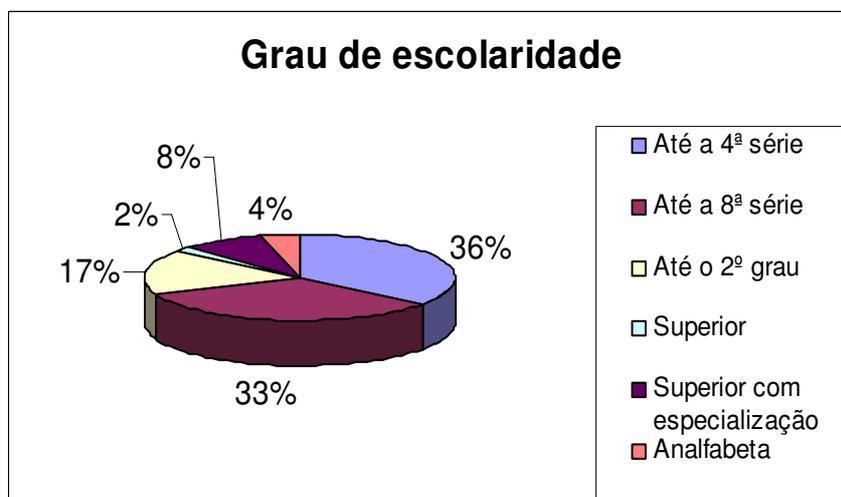
Gráfico 04:

⁹ Esposa 22: Professora/Magistério e Dona de casa. 56 anos de idade.



Fonte: dados primários

Gráfico 05:



Fonte: dados primários

O grau de escolaridade atingido pelas mulheres é um aspecto que está intimamente relacionado com a questão do matrimônio precoce, dos hábitos culturais e da estrutura econômica local. Como afirma esta esposa¹⁰: *Teve um motivo! Os meus pais não podiam pagar os estudos. Dar os estudos. Quando parei na 4ª série. Eu não fazia nada! Nada!*

¹⁰

Esposa 02: Dona de casa e faxineira. 40 anos de idade.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

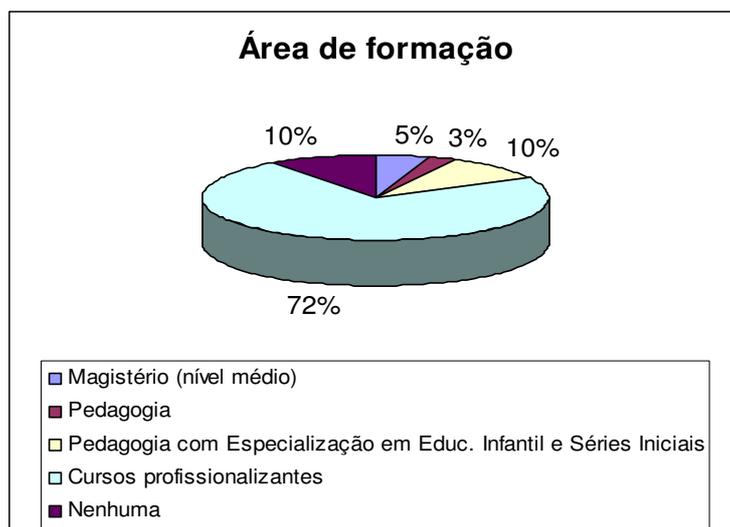
Fazia crivo, dia e noite. Trabalhava o dia inteiro e tinha que ir lá na roça plantar feijão. Acho que era melhor pro pai que a gente ficasse em casa trabalhando. Nessa perspectiva, uma esposa¹¹ assinala que:

Ainda hoje acredito que existe sim, bastante dificuldade pras mulheres que querem estudar! E principalmente pro marido ajudar nas coisas de casa. Porque se eu comento com alguém ainda hoje, coisa que ele sempre fez! Muitos homens ainda são machistas e dizem: Deus me livre, casa é pra mulher! Comida é pra mulher fazer! É geral. Acho que é cultural, ta enraizado.

O relato desta moradora é justificado pelo número de mulheres que conseguiram completar o ensino superior. Das 40 mulheres, 8 concluíram o ensino Médio (2º grau) e apenas cinco cursaram o ensino superior. Mas há casos em que algumas mulheres nunca freqüentaram a escola formal, como mostram os dados do gráfico a seguir:

Gráfico 06:

¹¹ Esposa 12: Professora/Pedagoga/ Ocupa cargo de chefia em órgão público e é dona de casa. 41 anos de idade.



Relacionando o grau de escolaridade atingido pelas mulheres de pescadores com a área de formação de cada uma delas, sobressaem-se os cursos profissionalizantes, neste caso, 29 mulheres realizaram algum tipo de curso profissionalizante dos quais identificamos os seguintes:

Gráfico 07:



Fonte: dados primários

O que é perceptível nestes dados, tanto do gráfico sobre área de formação quanto no de cursos profissionalizantes, que estes índices têm relação direta um com outro. Uma vez que, das 40 mulheres entrevistadas, as 29 que realizaram cursos profissionalizantes para exercer atividades como: cozinheira, costureira, artesã, cabeleireira e manicure; são as que atingiram no máximo o nível médio. Também identificamos, entre as mulheres que cursaram o nível superior, o não envolvimento com as atividades artesanais, tampouco com efetiva participação dessas mulheres em grupos ou associações no bairro.

As mulheres com nível superior que seguiram uma carreira no serviço público como professora, por exemplo, justificam que não têm tempo livre para se envolver em grupos comunitários e tampouco aprender algum tipo de artesanato. Ou seja, atribuem a não participação em grupos da comunidade por terem o cotidiano assoberbado de tarefas a serem cumpridas; pois além da atividade profissional exercida fora de casa, tem ao final da labuta diária o lar para cuidar e os filhos para educar.

A mulher que é dona de casa, na maioria dos casos não recebe nenhum tipo de ajuda para fazer as tarefas do lar. A situação piora quando se trata das mulheres que trabalham fora, sendo no serviço público ou no setor hoteleiro, o que não difere muito a situação. A maioria delas não recebe ajuda, tampouco podem contratar uma empregada doméstica. É o

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

que podemos verificar nos dados a seguir, que mostra de quem é a responsabilidade com as tarefas domésticas do lar, se recebe ajuda para a execução das atividades e de quem é a responsabilidade de gerenciar as questões administrativas da casa, tais como: consertos, pagamentos de contas, cuidados relativos à educação e saúde dos filhos.

Das 40 mulheres, apenas 6 revelaram receber ajuda para execução das tarefas domésticas, uma vez que ‘nenhuma’ delas tem como contratadas outras pessoas para esta atividade. A ajuda provém, em muitos casos, das próprias filhas ou parentes (mulheres), sendo que em poucos casos provém de uma ajuda masculina. Em relação às responsabilidades consideradas mais burocráticas, segundo elas, os maridos mesmo quando estão em casa não gostam de se envolver com isso. Pagamento de contas e coisas dessa natureza é tudo feito por elas. Como afirma esta esposa¹², “*verdade, a mulher faz tudo. Meu marido chega e nem sabe fazer mais nada, nem pagar uma conta no banco. O pensamento dele não é na data das contas. Ele vai lá trabalha traz o dinheiro e tu faz tudo. Tem que ser administradora*”. Cerca de 85% das mulheres não recebem nenhuma ajuda para realizar as tarefas dentro do lar, considerando que das 40 mulheres, todas trabalham fora de casa, em serviços públicos, ou no setor hoteleiro, ou mesmo fazendo artesanato (em seus grupos de mães) para vender para turistas.

Mas, atualmente... onde trabalham de fato essas mulheres e que tipo de atividades elas exercem?

Gráfico 08:

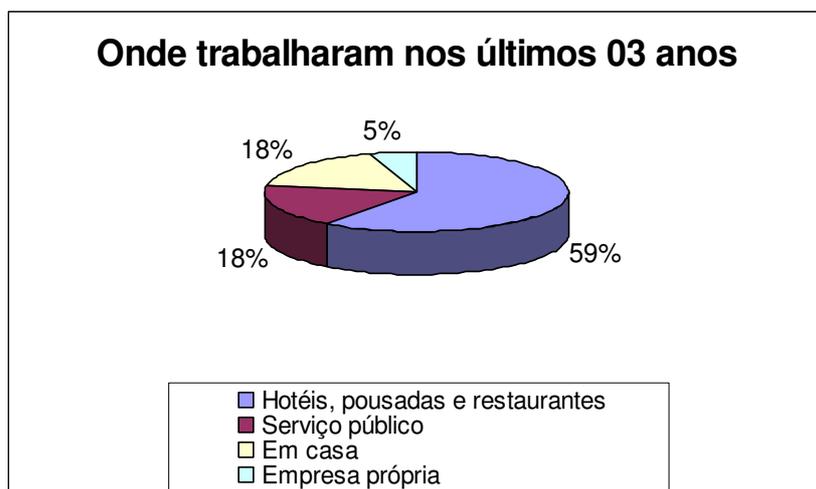
¹²

Esposa 05: Dona de casa, costureira e microempresária.

trabalho necessário

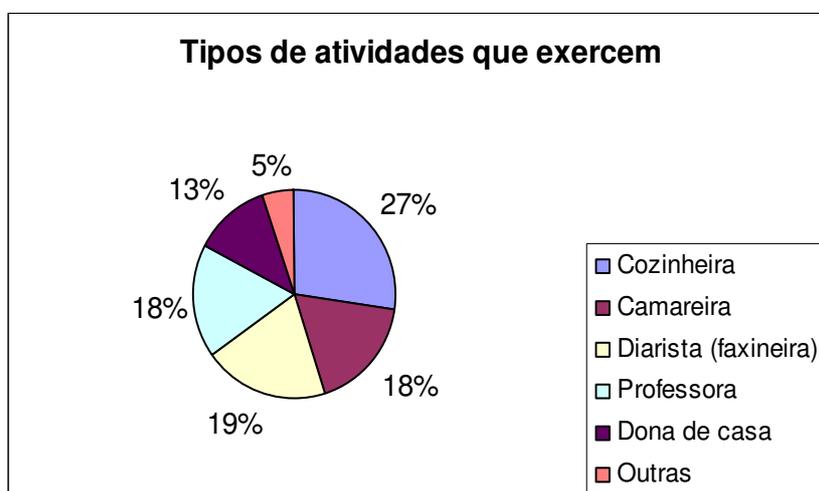
issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009



Fonte: dados primários

Gráfico 09:



Fonte: dados primários

A maioria das mulheres trabalha em atividades ligadas ao setor terciário da economia que em Palmas são principalmente fomentados pelo turismo.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

Atividades como cozinheira, camareira, diarista/faxineira são oferecidas por hotéis da região e também executadas em casas de veraneio. A profissão como professora é exercida para órgãos públicos estaduais e municipais, sendo que no município não há nenhum colégio que pertença à rede privada. Ressaltamos que dos cargos públicos ocupados pelas mulheres de pescadores, além da profissão como professora, também há cargos de confiança, como o caso de uma esposa que é Chefe de Gabinete na prefeitura local. Apesar das atividades serem bem diversificadas a renda mensal individual dessas mulheres ainda é relativamente baixa.

Das 40 entrevistadas, 16 recebem em torno de um salário mínimo e apenas 01 recebe acima de três salários mínimos; 16 delas recebem em média de dois a três salários. Recordando que das 40 mulheres, apenas sete ocupam cargos públicos – com remuneração acima da média praticada no município e nestas, incluem-se as 16 mencionadas, que recebem em torno de dois a três salários mínimos. As outras deste grupo de 16 são donas de casa que, na maioria das vezes, englobam além desta tarefa, a de ser também faxineira/diarista, artesã, cozinheira e manicure. Executam todas estas atividades para conseguir aumentar o orçamento da casa.

Observam-se evidências objetivas da precarização do trabalho no contexto dessas mulheres. Os relatos evidenciam a gama de responsabilidades que ficam na incumbência das mulheres de pescadores. Fatores estes que estão intimamente relacionados e/ou são o próprio reflexo da reestruturação econômica local. A vila concentrava no passado relações mercantilistas, mas mesclava-se com um modo de vida também pautado na agricultura de subsistência e na pesca artesanal, onde o cotidiano das mulheres não ultrapassava do ofício de ser dona de casa, aprender artesanato, ajudar na roça e preparar-se para o matrimônio – momento em que aprender um ofício não significava necessariamente ir para a escola.

Algumas das mulheres entrevistadas se percebem neste processo e colocam o advento das mudanças na economia do lugar, como principal fomentador das mudanças no trabalho e nas relações de gênero. Outras se vêem no processo, são protagonistas nele, mas

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

curiosamente, o que elas mais temem: o machismo, o casamento prematuro e a limitação da representação feminina ficar apenas no âmbito doméstico. Curiosamente, sem perceber, perpetuam e alimentam alguns hábitos – no sentido de pensar que as tarefas do lar devam ser exclusivamente femininas, como podemos observar no argumento desta moradora¹³ ao ser indagada sobre o que desejaria para o futuro de sua filha:

Que seja uma baita de uma dona de casa. Que ela seja uma boa dona de casa, **bem limpinha**¹⁴. Mulher de pescador não, de jeito nenhum. Porque sofre muito. Que seja uma pessoa respeitosa. Quero que ela seja uma pessoa honesta. Eu tenho bastante orgulho de mim. Ela que sabe qual o destino dela .O que ela quiser. Mas pra mim, ela tem que ser uma dona de casa. É tão bonito a mulher saber fazer tudo. Cuidar da casa.

Impossível não refletir sobre o paradoxo e a contradição que se abre diante do discurso desta mulher. Contraditoriamente ela própria deflagra a difícil tarefa de ser mãe e dona de casa sendo esposa de pescador. Porém, ‘alimenta’ o desejo de sua filha não vir a ser uma esposa de pescador no futuro. Mas na medida em que quer garantias de que sua filha seja uma mulher ‘bem limpinha’, neste mesmo sonho maternal perpetua a vontade ‘romântica’ de que sua filha eternize uma ‘qualidade’ – atribuída por este grupo social – onde se associa dignidade, em cumprimento dos afazeres do lar. Muitas mulheres atribuíram a não escolarização, ao fato de ter que se dedicar ao matrimônio e aos ofícios do lar. E colocaram com angústia o fato de não poderem ter estudado – da vontade de ter outra profissão, além do lar. Como disse essa esposa¹⁵:

Ser dona de casa é chato! Mas ser doceira eu gosto. [...] O trabalho de casa, pra mim não presta. É cansativo é estressante. Agente termina de fazer uma coisa, já vem outra. Lavar roupa, lavar louça, passa roupa, faz comida. Meu Deus é um sufoco! E passa o dia assim, limpando e depois tem que fazer tudo de novo. Ninguém reconhece.

¹³ Esposa 03: Dona de casa, diarista, cozinheira e artesã. 33 anos de idade.

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Esposa 02: Dona de casa e faxineira. 40 anos de idade.

Mas, ao mesmo tempo são estes paradoxos que envolvem o querer e o romper com os costumes que estão postos, perpetuam-se os hábitos e dão longevidade para as ‘diferenças’ configuradas na divisão sexual do trabalho em Palmas, sendo processadas historicamente nas relações de gênero.

Conclusões

Constatou-se na pesquisa que a reestruturação econômica local passou a exigir dos moradores uma demanda por qualificação profissional¹⁶, o que conseqüentemente delineou uma nova configuração no trabalho e nas relações de gênero estruturadas em Palmas, visto que a própria divisão sexual do trabalho que antes estava restringida às mulheres a participação nos afazeres domésticos e cuidados com a prole, passou a ser mais ampla. A partir desta reestruturação econômica, uma parcela¹⁷ das mulheres desenhou uma trajetória de busca pela educação formal, seja nos serviços no setor público ou privado, inserindo-se no mercado de trabalho.

A condição de precarização das atividades exercidas por estas mulheres – foi outra questão suscitada no decorrer desta pesquisa – obviamente dar-se-á pela condição de expropriação que o próprio sistema do capital faz no âmbito de outras atividades de trabalho. No entanto, para as mulheres de pescadores, o que veio a caracterizar esta condição de precarização é o fato de que as atividades exercidas nos postos de trabalho fora de casa são, em sua maioria¹⁸, as mesmas atividades exercidas em seu lar, tais como: cozinheira, faxineira, camareira, entre outras.

Neste caso, a pesquisa de campo revelou que, se por um lado as mulheres assumiram funções importantes na esfera profissional e alcançaram melhores posições sociais, por

¹⁶ Daí insere-se a análise sobre a condição de inserção da mulher neste processo, posto que, declarado nas entrevistas, a própria condição feminina, é subjugada pela dominação masculina, neste grupo social.

¹⁷ Das 40 entrevistadas, apenas duas nunca estudaram/não estão alfabetizadas.

¹⁸ Das 40 entrevistadas, apenas 07 ocupam cargos em serviços públicos. Todas as outras exercem atividades relacionadas a setor hoteleiro.

trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

outro lado, em relação à sua posição na esfera familiar, praticamente não houve mudanças. Neste grupo social, as tarefas domésticas ainda recaem exclusivamente sob a responsabilidade da esposa/mãe. Esta trabalha fora de casa para contribuir com as despesas do lar e também assume a responsabilidade de cuidar dos filhos/as, bem como a administração do lar.

São donas de casa que executam um trabalho doméstico¹⁹ por meio do qual se realizam as tarefas do cuidado e reprodução da vida, um elemento fundante da divisão sexual do trabalho e, portanto, funcional e integrado ao modo de produção capitalista (KERGOAT, 1989). Essas mulheres cumprem dupla jornada de trabalho e, na maioria dos casos pesquisados, desempenham as mesmas atividades domésticas fora do lar, porém, realizando atividades de forma assalariada nas quais, ao contrário do trabalho doméstico não remunerado, caracteriza-se como ‘trabalho produtivo’. Ou seja, aquele que segundo Marx, “no sistema de produção capitalista – produz mais valia para o empregador ou que transforma as condições materiais de trabalho em capital e o dono delas em capitalista, por conseguinte trabalho que produz o próprio produto como capital” (MARX, 1987, p. 391).

No entanto, é importante ressaltar que, no que diz respeito a esta pesquisa, consideramos que cotidianamente configura-se uma ‘tripla jornada’ de trabalho para este grupo de mulheres, pelo fato de que estas se dedicam, ainda, a retomar os estudos no ensino formal e/ou profissionalizante no intento de conseguirem uma melhor inserção profissional no mercado de trabalho. Contrapondo-se a essas dificuldades, as mulheres ainda perseveram na busca pela escolarização, objetivando um futuro mais promissor com a

¹⁹ No que concerne ao trabalho doméstico para Saffioti (1979), é definido na relação entre patriarcado e capitalismo, “considerando que a divisão sexual do trabalho é fundamental para manter a acumulação do capital e para manter a ordem patriarcal que garantem aos homens a hegemonia do poder sobre o Estado, dentro das instituições”, fazendo com que se reproduzam desigualdades nas estruturas material e simbólica e na vida cotidiana. Antunes (2005), salienta que o trabalho é uma “questão central dos nossos dias”. Essa centralidade traz, para o feminismo, a necessidade da retomada do debate sobre o trabalho doméstico, por várias razões: em função da sua permanência como um problema das mulheres na divisão sexual do trabalho, e, portanto, da permanência das contradições da dupla jornada e do que isso acarreta para as mulheres, como uma questão importante na nova ordem da divisão internacional do trabalho no processo de globalização e, finalmente, pela sua importância no processo de reprodução humana e social.

trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

possível aquisição de um grau de escolaridade de nível superior. Algumas declarações das mulheres entrevistadas foram de sobremaneira marcantes e denotavam ampla convicção acerca do papel que a educação representou nas suas vidas:

Se eu não tivesse feito a graduação eu seria uma dona de casa. Eu ia ficar uma 'anta' dentro de casa, só nesse mundinho. E, assim não! Abri novos caminhos, conheci muitas outras coisas. Queria que minha filha entendesse que é muito, muito importante estudar, ter uma profissão. Diria pra ela pensar bastante antes de agir! Não se precipitar em nada²⁰.

Mas, nessa busca pela escolarização, constata-se que a mulher se integra no mercado de trabalho sob as mais variadas condições, efetivando a lógica do mercado e confirmando que o capitalismo, ao mesmo tempo em que cria condições para a emancipação feminina, acentua a sua exploração ao estabelecer uma relação aparentemente "harmônica" entre a mulher e o trabalho, onde se criam formas diferenciadas de extração do trabalho excedente. Quando se toma o trabalho em seu sentido ontológico, pode-se ver que ele possibilita um salto efetivo no longo processo da emancipação feminina. E, na medida em que a mulher se torna assalariada, ela tem também a possibilidade de lutar pela conquista da sua emancipação, pois se torna parte integrante do conjunto da classe trabalhadora.

Quanto ao trabalho feminino, vimos que pela teoria marxista do valor, ele é inteiramente autônomo, desvinculado da sociedade e, mais uma vez, muito semelhante economicamente ao ar que respiramos: essencial, fundamental, vital, mas inteiramente sem valor, sem preço. Esta é a base econômica que sustenta a autonomia feminina e seu distanciamento do mundo áspero do trabalho social e das relações sociais que vigoram.

Conscientes dos cuidados que um pesquisador deve ter ao analisar os discursos e as subjetividades impregnadas nas entrevistas, chamamos a atenção para uma reflexão sobre o que as mulheres entrevistadas pensam sobre suas vidas e suas decisões. Se pudessem,

²⁰

Esposa 07: Professora/Pedagoga. 29 anos de idade.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

fariam um caminho diferente? Será que elas próprias, ‘inconscientemente ou naturalmente’, incorporaram a supremacia masculina em suas vidas?

O fato de, no decorrer de suas trajetórias terem sempre ficado sob a tutela de alguém – na infância, dos pais; e na fase adulta, do esposo – condicionou esta situação hegemônica masculina nesta comunidade?

A naturalização dessas mulheres em relação à dominância masculina, neste grupo social, e a forma com que algumas delas inconscientemente transferem estas ‘crenças’ para as gerações futuras, (embora o discurso contraditório de antemão não represente isso) fica evidente na fala a seguir:

Se eu pudesse escrevia minha história diferente, mas não sei se conseguiria, porque lá na minha época, as condições e as pessoas seriam as mesmas. Hoje vivo a vida de uma mulher de pescador, que pra mim é uma vida muito triste. A gente fica muito sozinha, mulher de pescador é o pai e a mãe, ela é responsável por tudo. Não quero esse destino pra minha filha. **Mas acho que sou feliz**²¹.

Deve-se aqui relativizar, na medida em que há uma “abertura de horizontes” para esse processo de conscientização. Algumas delas, ao relatarem sobre as dificuldades no casamento, ao que representa ser mulher neste grupo social, onde estão integradas, declararam que ‘gostam de suas vidas’, mas gostariam que, para suas filhas, as “coisas fossem diferentes”. Esta informação corrobora com a reflexão proposta por Meszáros (2005, p. 45) sobre “a educação formal” e as perspectivas condicionadas por quem a conquista, acreditando que se tornará essencial no processo de busca pela escolarização, equivocando-se. Isto porque, segundo o autor, é a educação formal “a força ideologicamente primária que consolida o capital”. Por isso, conclui Meszáros (ibid, p. 45), “também não é capaz, por si só, de fornecer uma alternativa emancipadora radical”. Relevante para reflexão nesse aspecto é também a afirmação de Kergoat (1989) de que a estrutura da divisão sexual permanece inalterada, mesmo que as mulheres tenham realizado uma série de “conquistas” importantes.

²¹

Grifo nosso. Esposa 02: Dona de casa e faxineira. 40 anos de idade.

No caso das mulheres entrevistadas, o que desvela este aspecto é a condição de submissão, evidenciada em seus depoimentos, ainda que esta condição seja muitas vezes imperceptível a elas mesmas. Assim, quando uma das entrevistadas refere-se ao seu esposo dizendo: “*me ajudou bastante. Até me deu dinheiro para pagar inscrição na época de vestibular e não me proibiu de estudar*”²², o que ela considera um privilégio “concedido” por seu esposo, está intimamente relacionado com a esfera da liberdade, da emancipação humana, da autonomia decisória.

E, a despeito das limitações do presente estudo face ao delineamento e delimitação do tema, salientamos que esta pesquisa pode suscitar novos estudos críticos sobre o papel da educação na perspectiva de análise das relações de gênero. Deixamos ainda, como proposta, a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas que envolvam a tríade: gênero/trabalho/subjetividade das mulheres de pescadores. Ou então, temas relacionados à participação das mulheres nas decisões políticas, nas relações de poder, justapostas às questões culturais presentes na vida dessa comunidade. Outro estudo que poderá ser conduzido, diz respeito à inserção no mercado de trabalho, qualificação profissional e precarização do trabalho feminino na atividade turística, em comunidades pesqueiras.

Referências

ABREU, Alice Rangel de Paiva. Especialização flexível e Gêneros: debates atuais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, V.8, p. 52-57, janeiro/março,1994.

AMORIM, Luciana Martins. **Mulheres na Economia Solidária: Reflexos da Reestruturação Produtiva** – o caso das maricultoras associadas à Federação das Associações de Maricultores do Estado de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, UFSC, 2005.

²² Esposa 01: Professora/Pedagoga e Dona de casa, 41 anos de idade.

trabalho necessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho feminino no Brasil:** avaliação dos anos oitenta e perspectivas para o futuro. São Paulo: Ildes/FES, dez. 1995.

_____. **Mulher e trabalho:** uma avaliação da década da mulher. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho**. Artigo publicado em 1993. http://www.adufpbjp.com.br/publica/conceitos/7/art_01.pdf – Acessado em 21 de janeiro de 2007.

HOLZMANN, Lorena. Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. **Sociologias**, Porto Alegre, n.4, julho/dezembro 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo> – Acesso em 16 jun. 2006.

IANNI, Otávio. O mundo do trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.8, n.1, p. 2-12, janeiro/março, 1994.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. www.ibge.gov.br

KERGOAT, Danièle. **Da divisão do trabalho entre os sexos**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, USP, v.1, n.2, p.88-96, jul./dez. 1989.

KOVÁCS, Ilona (Org). **Flexibilidade de emprego**. Riscos e oportunidades. Celta Editora: Oeiras, Portugal, 2005.

trabalhonecessário

issn: 1808-799X

ano 7 - número 9 - 2009

MARX, K. O Capital. **Crítica da Economia Política**. Livro I, Volume I. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 9 Ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MÉSZAROS, Istvan. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

NOGUEIRA, Cláudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

RAMOS, Ivoneti da Silva. **Mulheres no terceiro setor da economia: o mito da emancipação feminina**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Economia. Florianópolis, 2006.

RICHARDSON, Roberto J., PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 Ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Emprego doméstico e capitalismo**. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.

_____. **Do artesanal ao industrial - a exploração da mulher**. São Paulo: HUCITEC, 1981.

SANTOS, Robinson dos. **Considerações sobre a educação na perspectiva marxiana**. Revista Espaço acadêmico, n. 44, janeiro de 2005. www.espacoacademico.com.br/044/44pc_santos.htm

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 309p ISBN 8586501239 (encad), 2002.

SILVA, Cristiani Bereta da. **As fissuras na construção do novo homem e da nova mulher: relações de gênero e subjetividades no devir MST – 1979/2000**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.